



MONITOR ECONÔMICO

Outubro.2018



CENÁRIO
INTERNACIONAL



CENÁRIO
BRASIL E MINAS



ANÁLISE SETORIAL



SUMÁRIO



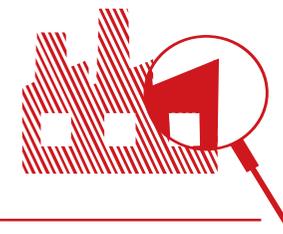
CENÁRIO INTERNACIONAL

SÍNTESE	<u>03</u>
ECONOMIA MUNDIAL	<u>04</u>



CENÁRIO BRASIL E MINAS

PRODUTO INTERNO BRUTO	<u>07</u>
PRODUÇÃO INDUSTRIAL	<u>08</u>
CONFIANÇA E EXPECTATIVAS	<u>11</u>
FATURAMENTO	<u>12</u>
SERVIÇOS	<u>13</u>
COMÉRCIO	<u>14</u>
EMPREGO	<u>15</u>
CRÉDITO	<u>16</u>
FINANÇAS PÚBLICAS	<u>18</u>
INFLAÇÃO E JUROS	<u>19</u>
CÂMBIO	<u>20</u>
SETOR EXTERNO	<u>21</u>
PROJEÇÕES	<u>24</u>



ANÁLISE SETORIAL

AUTOMOTIVO	<u>25</u>
CONSTRUÇÃO CIVIL	<u>26</u>
INDÚSTRIA EXTRATIVA	<u>27</u>
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	<u>28</u>
METALURGIA	<u>29</u>

SÍNTESE

- Nos EUA, a taxa de desemprego caiu para 3,7%. Apesar do nível baixo, a estabilidade das expectativas de inflação incentivou o Banco Central americano a manter a sua estratégia de altas gradativas dos juros.
- Na Área do Euro, os indicadores apontaram para uma atividade econômica moderada, com queda contínua da taxa de desemprego. A ausência de pressão inflacionária reforça a visão de juros no patamar atual por prazo prolongado na região.
- Na China, a guerra comercial com os EUA prejudica a atividade manufatureira, mas o setor de serviços mostra resiliência. O governo deve continuar promovendo incentivo fiscal para limitar a desaceleração econômica no país. PIB 2016 3,2%

ECONOMIA MUNDIAL

PIB 2017	3,7%
PIB 2018 ^(e)	3,7%

- O PIB mineiro recuou 0,4% no segundo trimestre de 2018, após avançar 0,1% no trimestre anterior. No primeiro semestre do ano, o crescimento acumulado é de 1,0% em relação ao mesmo período do ano passado. A taxa acumulada em quatro trimestres foi ligeiramente melhor (1,1%).
- Com a frustração referente à atividade na primeira metade do ano, nossa projeção foi reduzida para crescimento do PIB de apenas 1,2% em 2018. Essa projeção baseia-se na recuperação do setor de serviços no terceiro trimestre e no aumento da demanda do setor industrial, evidenciada pela Sondagem Industrial da FIEMG.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL Indústria Geral 2018^(e)

2,7 %

PIB BRASIL 2018^(e) 1,3 %

- A produção industrial brasileira registrou novo recuo de 0,3%, em agosto, resultado pior que a estimativa de mercado (expansão de 0,4%). A principal contribuição negativa veio da cadeia de Óleo e gás, devido à manutenção programada em plataformas de petróleo e ao acidente em uma refinaria.
- A produção industrial mineira também exhibe comportamento oscilante em 2018. O crescimento de 0,5% em agosto ocorreu após recuo de 1,2% em julho.
- A aceleração inflacionária em setembro coincidiu com o alerta feito pelo Banco Central de que o risco de inflação acima da meta no horizonte relevante supera o risco de inflação abaixo da meta. Na prática isso significa que, a despeito da ociosidade ainda existente no mercado de trabalho, o período de taxa Selic a 6,50% a.a. pode estar perto do fim.



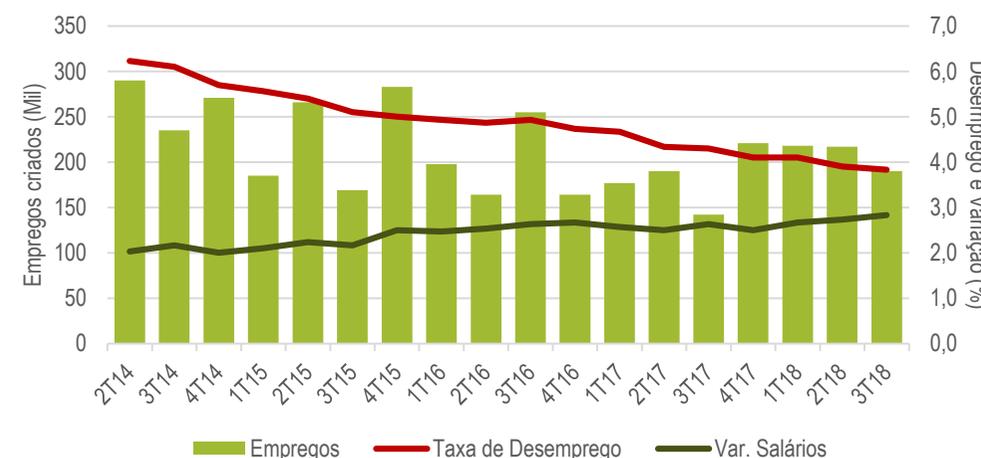
ESTADOS UNIDOS

PIB 2017	2,2%
PIB 2018 ^(e)	2,9%
PIB 2019 ^(e)	2,7%

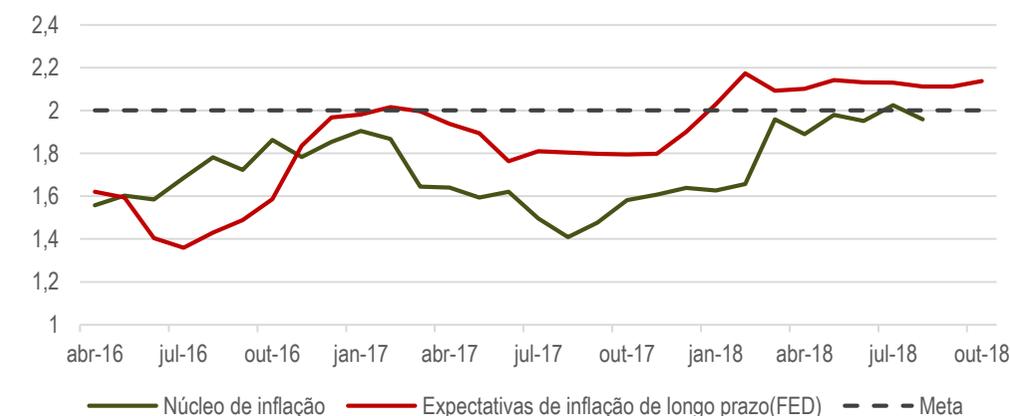
A MENOR TAXA DE DESEMPREGO DOS ÚLTIMOS 50 ANOS

- O destaque do mês de setembro foi a queda de 0,2 p.p. da taxa de desemprego, que atingiu 3,7%, o seu nível mais baixo desde 1969. Apesar da menor criação de empregos no mês (134 mil, sendo 51 mil a menos que o esperado), devido ao furacão que atingiu o país, o vigor exibido pelo mercado de trabalho americano em 2018 foi confirmado pela revisão para cima da geração de empregos em julho e agosto (de 350 mil para 435 mil vagas).
- Paralelamente, o aumento na taxa de crescimento da renda das famílias em 12 meses, de 5,1% para 5,4%, valor bem acima da inflação (2,3%), e a alta confiança dos consumidores devem incentivar ainda mais o consumo nos próximos meses.
- Esses resultados justificaram a decisão do Banco Central americano de aumentar as taxas de juros em 0,25 p.p., com probabilidade elevada de uma alta adicional em dezembro, o que deixaria os juros no intervalo de 2,25% a 2,5% ao ano.
- Após o alívio nas tensões comerciais resultante do acordo entre os EUA, o Canadá e o México, o presidente Trump anunciou que considera o Brasil um país “que impôs restrições injustas às importações de produtos americanos”. Consequentemente, o Brasil pode vir a ser o próximo alvo de medidas protecionistas.

VAGAS CRIADAS E DESEMPREGO - Trimestre



EVOLUÇÃO DA INFLAÇÃO E DAS EXPECTATIVAS - (%)



Fontes: Bloomberg, ISM. (e)Estimativas: FMI, Bloomberg.
 PMI = Índice dos gerentes de compras. Um resultado superior a 50 pontos sinaliza expansão, enquanto um resultado inferior a 50 pontos sinaliza recuo.
 FED = Banco Central Americano.



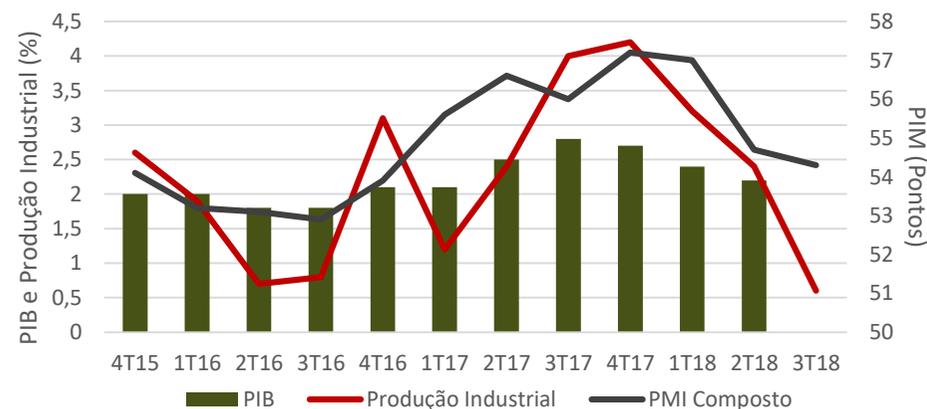
ÁREA DO EURO

PIB 2017	2,4%
PIB 2018 ^(e)	2,2%
PIB 2019 ^(e)	1,9%

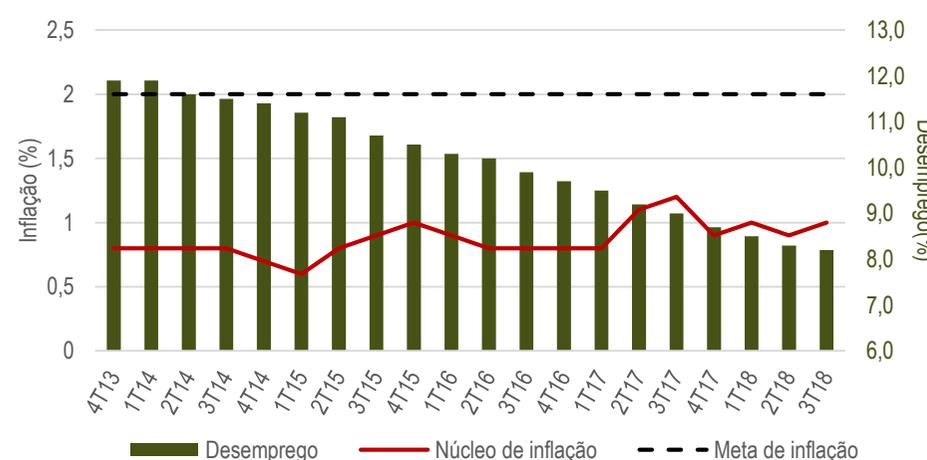
INDICADORES APONTAM CRESCIMENTO ECONÔMICO MODERADO

- Em setembro, o PMI composto da Área do Euro registrou 54,1 pontos, nível compatível com um ritmo de crescimento moderado da economia da região. A produção industrial subiu 1,0% em agosto, após dois meses de contração. Ao mesmo tempo, o PIB da Área do Euro foi revisado para cima, de 1,5% para 1,8%, na variação trimestral anualizada.
- Por sua vez, a taxa de desemprego registrou 8,1%, mantendo a trajetória de queda de 0,8 p.p. em 12 meses. Caso essa tendência continue em 2019, o índice pode voltar ao nível mais baixo já registrado (7,3%, antes da crise de 2007). Essa menor ociosidade da força de trabalho foi acompanhada por uma elevação de 2,3% dos salários no segundo trimestre, na variação anual.
- Apesar dos maiores salários, tanto o núcleo de inflação (0,9%) quanto as expectativas de inflação para o próximo ano (1,6%) continuaram abaixo da meta (2,0%), o que motiva o Banco Central Europeu a manter a sua estratégia de política monetária expansionista pelo menos até o final do primeiro semestre de 2019.

CRESCIMENTO E PMI NA ÁREA



INFLAÇÃO E DESEMPREGO



Fontes: Bloomberg, Markit.(e)Estimativas: FMI. (e) – Projeção mediana do mercado

PMI Composto: Índice de gerentes de compras de serviços e manufatureiros. PMI = Índice dos gerentes de compras. Um resultado superior a 50 pontos sinaliza expansão, enquanto um resultado inferior a 50 pontos sinaliza recuo da atividade.



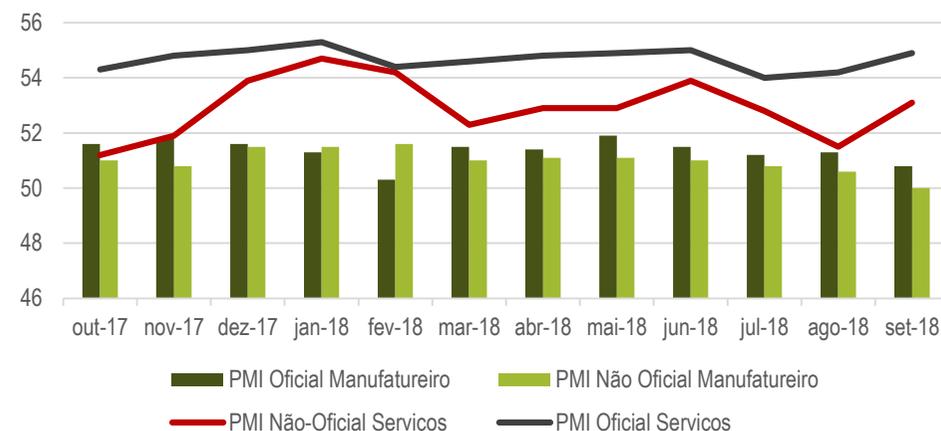
CHINA

PIB 2017	6,9%
PIB 2018 ^(e)	6,6%
PIB 2019 ^(e)	6,4%

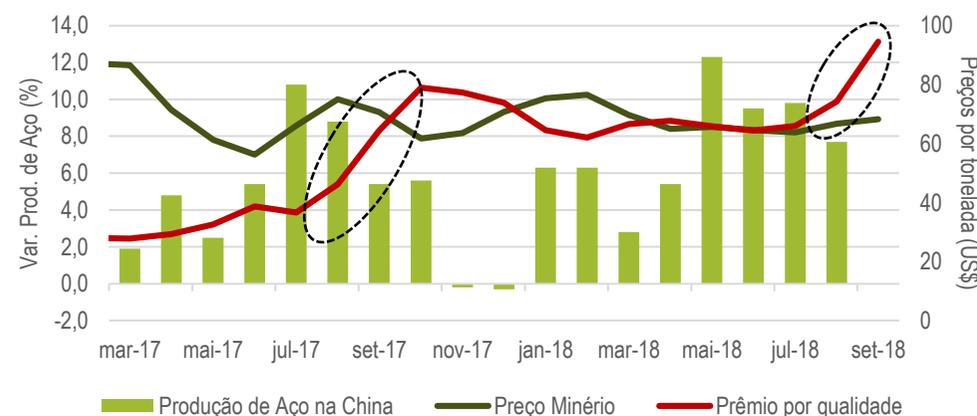
GOVERNO TENTA CONTER A DESACELERAÇÃO DA ATIVIDADE

- Em setembro, tanto o indicador PMI Manufatureiro oficial (50,8 pontos) quanto o indicador não oficial (50,0 pontos) registraram quedas em relação a agosto (de 0,5 e 0,6 ponto, respectivamente). Os resultados confirmaram a tendência recente de desaceleração da economia chinesa, captando o pessimismo das empresas chinesas com relação à demanda externa, que foi causado pela intensificação das medidas protecionistas tomadas pelos EUA.
- Por sua vez, o PMI não-manufatureiro ficou em patamar elevado (54,9 pontos, um crescimento de 0,7 ponto ante agosto), o que mostra a resiliência da demanda doméstica. Vale destacar que a decisão do Banco Central em cortar o compulsório pela quarta vez esse ano deve dinamizar a atividade econômica, por meio da injeção de liquidez no sistema bancário.
- O anúncio pelos EUA de imposição de tarifas adicionais sobre as importações chinesas motivou o governo do país a anunciar novos cortes de impostos e maiores gastos em infraestrutura. Esses estímulos fiscais podem incentivar os investimentos locais e, conseqüentemente, beneficiar as exportações do minério de ferro brasileiro.

PMI MANUFATUREIRO E NÃO-MANUFATUREIRO CHINÊS



PRODUÇÃO DE AÇO, PREÇOS DO MINÉRIO E LUTA CONTRA A POLUIÇÃO NA CHINA



Fonte: Bloomberg, (e)Estimativas: FMI, PMI = Índice dos gerentes de compras. Um resultado superior a 50 pontos sinaliza expansão, enquanto um resultado inferior a 50 pontos sinaliza recuo.



PRODUTO INTERNO BRUTO MINAS GERAIS

PIB MINEIRO RECUA 0,4% NO SEGUNDO TRIMESTRE

- O PIB mineiro recuou 0,4% no segundo trimestre de 2018, após avançar 0,1% no trimestre anterior. A paralisação de caminhoneiros foi determinante para o resultado, impactando negativamente os setores de Serviços (com variações negativas em todos os quatro subsetores: Comércio, -0,9%, Transporte, -1,1%, Outros serviços, -0,4%, e Administração pública, -0,3%) e a Indústria de Transformação (-1,1%). Por outro lado, o destaque positivo foi o avanço de 10,2% da Indústria Extrativa, recuperando-se de uma contração de 6,1% no primeiro trimestre, marcado por condições meteorológicas adversas.
- Na comparação com o primeiro trimestre de 2017, houve avanço de 0,7%, abaixo do resultado nacional (1,0%). No primeiro semestre do ano, o crescimento acumulado é de 1,0% em relação ao mesmo período do ano passado. A taxa acumulada em quatro trimestres foi ligeiramente melhor (1,1%).
- Com a frustração referente à atividade na primeira metade do ano, nossa projeção foi reduzida para crescimento do PIB de apenas 1,2% em 2018. Essa projeção baseia-se na recuperação do setor de serviços no terceiro trimestre e no aumento da demanda do setor industrial, evidenciada pela Sondagem Industrial da FIEMG.

PIB MINAS GERAIS - 2º trimestre /2018 (Var.%)

	2ºT 18/ 1ºT 18*	2ºT 18/ 2ºT 17	Acumulado em quatro trimestres
Agropecuária	2,6	1,6	-4,6
Indústria	1,9	1,1	1,1
Extrativa mineral	10,2	0,8	-5,5
Transformação	-1,1	1,2	2,8
Energia e saneamento	2,3	1,3	-9,6
Construção civil	-0,6	0,5	-2,4
Serviços	-0,6	1,3	-1,1
Comércio	-0,9	2,2	4,2
Transporte	-1,1	-2,3	-0,8
Outros serviços	-0,4	1,5	2,3
Administração pública	-0,3	-0,4	-0,2
PIB	-0,4	0,7	1,1



PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASIL

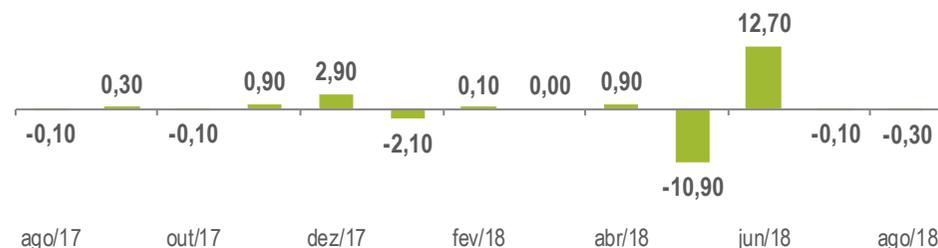
INDÚSTRIA GERAL

AGO18 / JUL-18*	-0,3%
AGO-18 / AGO-17	2,0%
ACUMULADO NO ANO	2,5%
2017	2,5%
2018 ^(e)	2,8%

PRODUÇÃO INDUSTRIAL OSCILA EM 2018

- A produção industrial brasileira registrou novo recuo de 0,3%, em agosto, resultado pior que a estimativa de mercado (expansão de 0,4%). Variações negativas na produção foram registradas em 14 dos 26 setores pesquisados. A principal contribuição negativa veio da cadeia de Óleo e gás, devido à manutenção programada em plataformas de petróleo e ao acidente em uma refinaria.
- Em relação a agosto de 2017, a produção industrial avançou 2,0%, abaixo dos 4,0% registrados no mês anterior. Nessa base de comparação, o setor de Veículos automotores, reboques e carrocerias foi, novamente, o principal destaque, com variação de 15,0%. Por outro lado, 12 ramos industriais registraram redução na produção. Esse é o caso de Alimentos (-4,6%), Equipamentos de informática, Produtos eletrônicos e ópticos (-7,7%) e Produtos têxteis (-5,3%). No acumulado do ano, a indústria brasileira avançou 2,5%, enquanto, em 12 meses.
- De acordo com a última pesquisa Focus, do Banco Central, o mercado estima crescimento de 2,67% para a produção industrial no ano. Entendemos que a confirmação desse número dependerá da ausência de choques negativos na produção, como aqueles que acometeram a cadeia de Óleo e gás, em agosto.

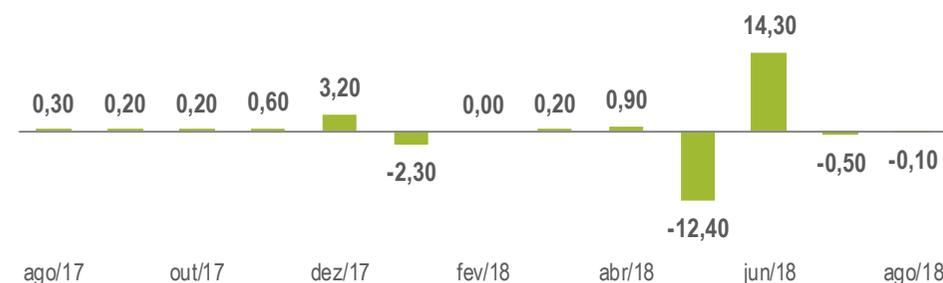
INDÚSTRIA GERAL (Variação % contra mês imediatamente anterior)



INDÚSTRIA EXTRATIVA (Variação % contra mês imediatamente anterior)



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Variação % contra mês imediatamente anterior)





PRODUÇÃO INDUSTRIAL MINAS GERAIS

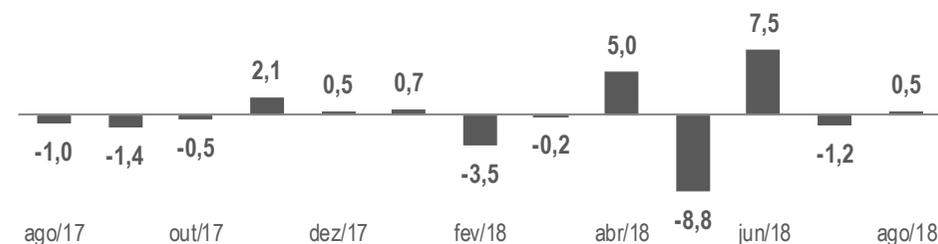
INDÚSTRIA GERAL

AGO-18 / JUL-18*	0,5%
AGO-18 / AGO-17	0,5%
ACUMULADO NO ANO	-1,3%
2017	1,2%
2018 ^(e)	-1,5%

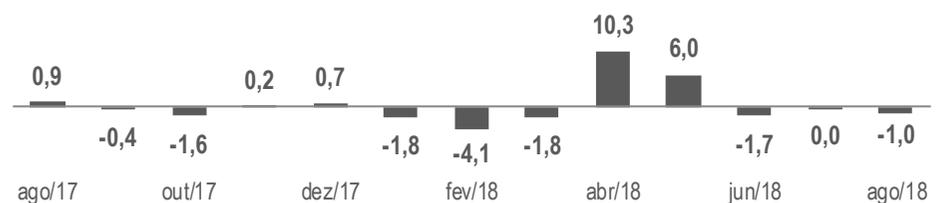
PRODUÇÃO INDUSTRIAL MINEIRA AVANÇOU 0,5% EM AGOSTO

- A produção industrial mineira também exibe comportamento oscilante em 2018. O crescimento de 0,5% em agosto ocorreu após recuo de 1,2% em julho, e veio na direção oposta à contração de 0,3% da produção industrial nacional, que foi puxada por resultados negativos em São Paulo (-0,9%) e no Rio de Janeiro (-0,3%).
- Em MG, os destaques positivos foram os avanços da produção dos setores de Metalurgia e Produtos de metal (ambos com variação de 6,3%), Máquinas e equipamentos (2,0%), Têxteis (1,9%) e de Veículos (1,5%). Por outro lado, entre os cinco setores manufatureiros com resultado negativo no estado, os piores desempenhos foram apresentados por Bebidas (-11,5%) e Fumo (-7,1%). A Extração mineral também contribuiu negativamente, com recuo de 1,0% no mês.
- Em 12 meses, a produção da indústria mineira acumula contração de 0,8%, mesmo resultado registrado em julho. Nessa base de comparação, manteve-se o padrão observado nos meses anteriores de declínio gradual das taxas de crescimento da produção da Indústria de transformação e de suavização da variação negativa da produção do setor Extrativo. Nossa estimativa para a produção industrial mineira é de contração de 1,5% no ano.

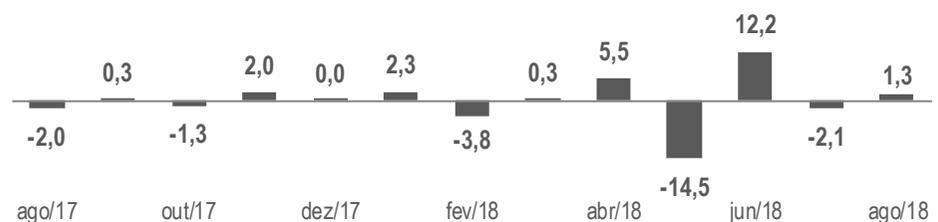
INDÚSTRIA GERAL (Variação % contra mês imediatamente anterior)

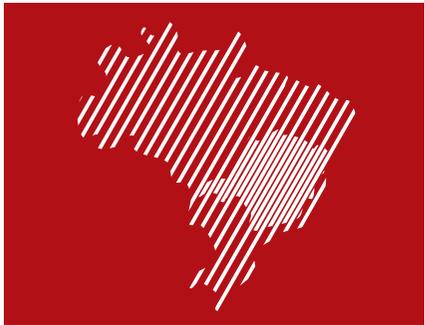


INDÚSTRIA EXTRATIVA (Variação % contra mês imediatamente anterior)



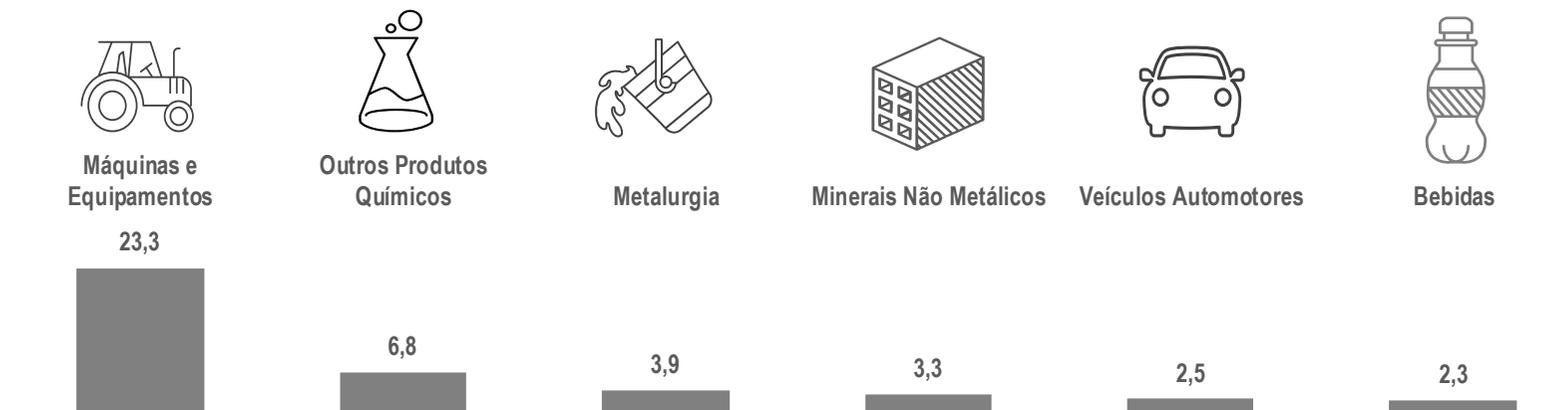
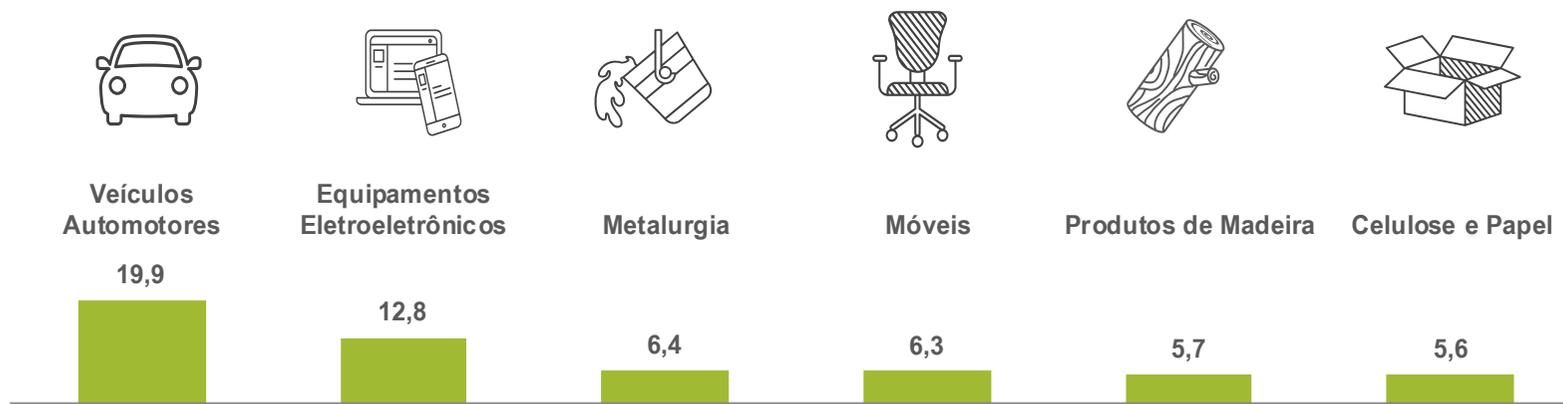
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Variação % contra mês imediatamente anterior)





PRODUÇÃO INDUSTRIAL

VARIAÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES (%)* - DESTAQUES SETORIAIS POSITIVOS

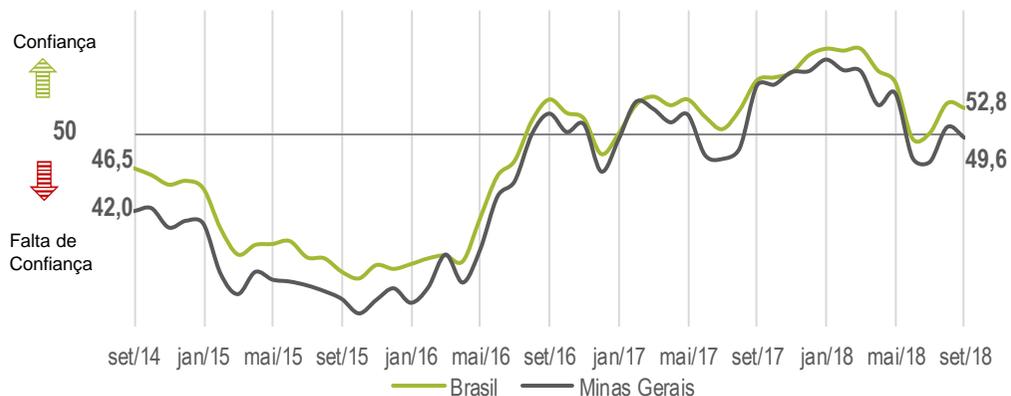


Fonte: IBGE. | *Até Agosto/18.

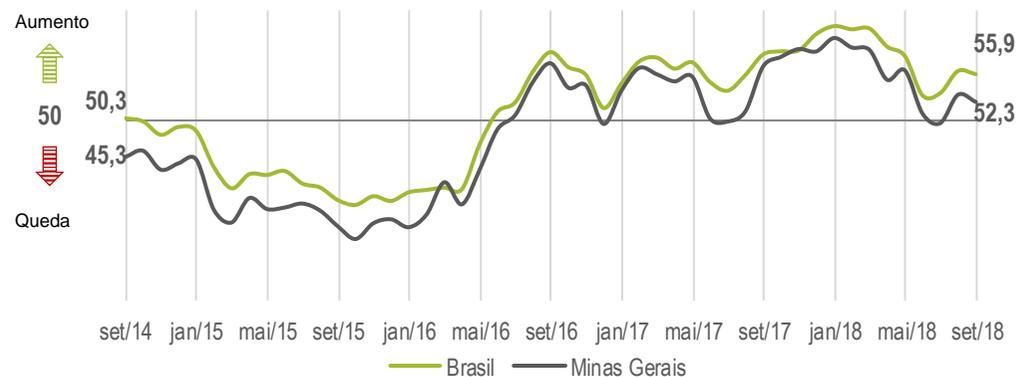


CONFIANÇA E EXPECTATIVAS

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL - ICEI



EXPECTATIVAS PARA OS PRÓXIMOS SEIS MESES



Minas Gerais		Total		
		set/17	ago/18	set/18
ICEI		55,0	50,7	49,6
Sondagem Industrial				
Expectativas	Demanda	54,9	56,3	55,5
	Compra de Matérias-Primas	53,0	53,7	54,6
	Emprego	49,0	50,5	49,6
	Intenção de Investimento	49,5	52,0	52,4

Indicadores variam de 0 a 100 pontos. Valores acima de 50 pontos indicam otimismo e expectativas de crescimento.

ÍNDICE NACIONAL DE EXPECTATIVA DO CONSUMIDOR (CNI)





FATURAMENTO

INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

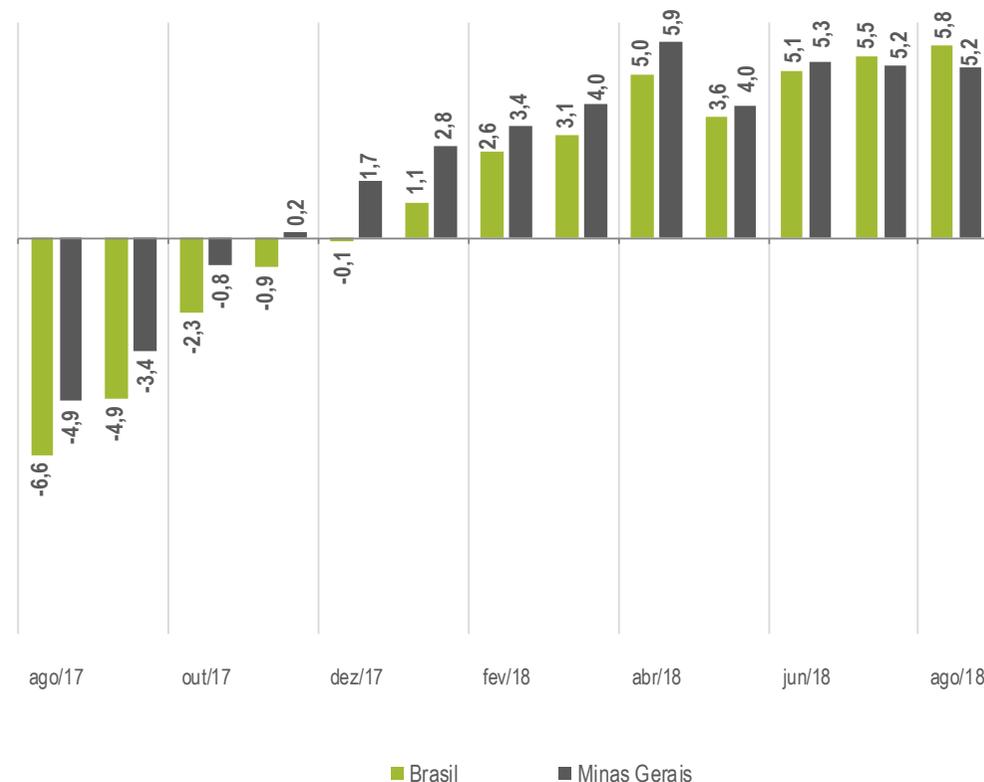
	BRASIL	MINAS GERAIS
AGOSTO-18 / AGOSTO-17	8,2%	6,1%
ACUMULADO NO ANO*	5,5%	4,0%
ACUMULADO 12 MESES	5,8%	5,2%

FATURAMENTO REAL CRESCE NO BRASIL E EM MINAS GERAIS EM AGOSTO

- O faturamento real da indústria de transformação brasileira avançou 8,2% em agosto, na comparação interanual. Dos 21 setores pesquisados, 11 mostraram aumento do índice, com destaque para Químicos (24,6%), Máquinas e equipamentos (19,2%) e Metalurgia (18,4%). Vale ressaltar que, em 2018, o indicador recuou apenas em maio (-13,5%), quando houve a paralisação dos caminhoneiros.
- No acumulado do ano até agosto, o faturamento real da indústria brasileira cresceu 5,5%, o melhor resultado para o período desde 2010 (11,3%). Mesmo com o comportamento oscilante da atividade industrial, o indicador vem apresentando uma tendência positiva ao longo de 2018.
- Em Minas Gerais, o faturamento real da indústria de transformação também aumentou na comparação interanual, com crescimento de 6,1% em agosto. No acumulado de janeiro a agosto, houve avanço de 4,0% do índice no estado.

FATURAMENTO REAL DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

(Var. % acumulada em 12 meses)



Fonte: CNI (<http://www.portaldaindustria.com.br/cni/publicacoes-e-estatisticas/estatisticas/2016/07/1,38498/indicadores-industriais.html>) e FIEMG (<http://www7.fiemg.com.br/produto/fiemg-index>).

* Acumulado no ano até agosto.



SERVIÇOS

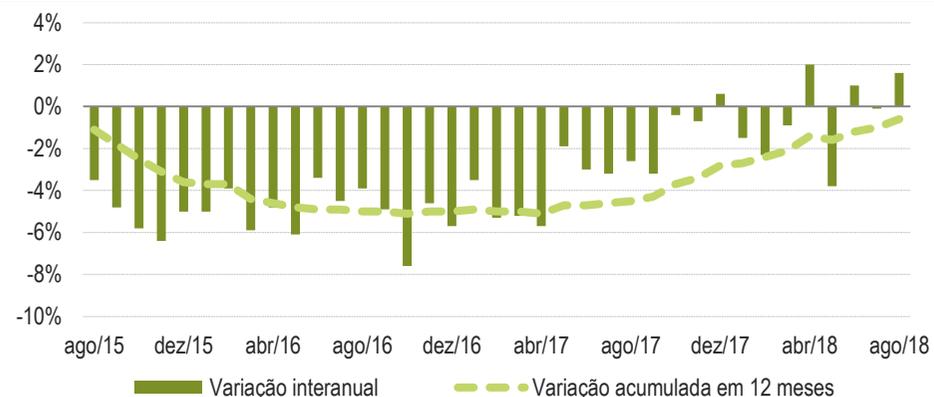
VOLUME DE SERVIÇOS

	BRASIL	MINAS GERAIS
AGO-18 / AGO-17	1,6%	1,5%
ACUMULADO NO ANO	-0,5%	-0,8%
ACUMULADO 12 MESES	-0,6%	-1,0%

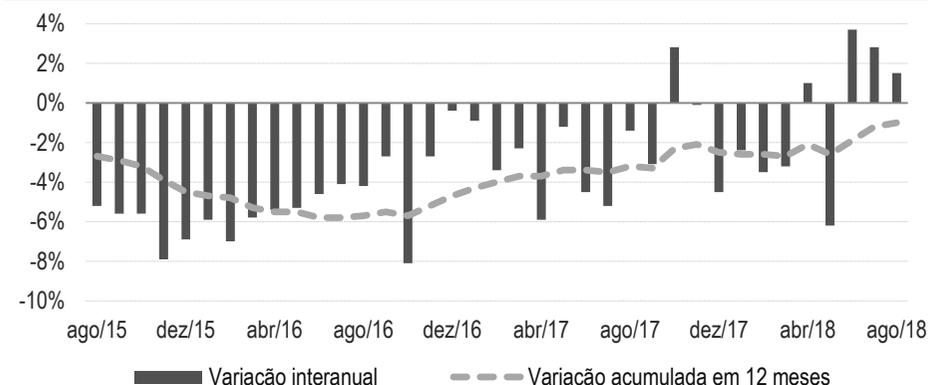
SERVIÇOS CRESCEM EM AGOSTO, APÓS PERÍODO VOLÁTIL

- No Brasil, o setor de serviços avançou 1,2% em agosto, após três meses de grande volatilidade: maio (-3,4%), junho (+4,9%) e julho (-2,0%).
- O crescimento na margem foi acompanhado por três das cinco atividades investigadas. Destaque para a expansão de 3,2% em Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio, recuperando parte da perda de 3,9% de julho.
- Na comparação com agosto de 2017, o setor avançou 1,6%, bem acima da expectativa de mercado (0,2%). Essa foi a terceira taxa interanual positiva em 2018 – abril (+2,0%), junho (+1,0%) e agosto (+1,6%).
- Em Minas Gerais, o setor de serviços cresceu 0,4% em agosto após um período de volatilidade ainda mais intenso do que o observado no país – maio (-6,1%), junho (9,8%) e julho (-1,8%). Adicionalmente, o volume de serviços avançou 1,5% em relação a agosto de 2017.
- O avanço em agosto contribuiu para reduzir a variação negativa acumulada em 12 meses, de -1,0% para -0,6%, no país, e de -1,2% para -1,0%, no estado.

VOLUME DE SERVIÇOS – BRASIL



VOLUME DE SERVIÇOS – MINAS GERAIS





VENDAS NO VAREJO

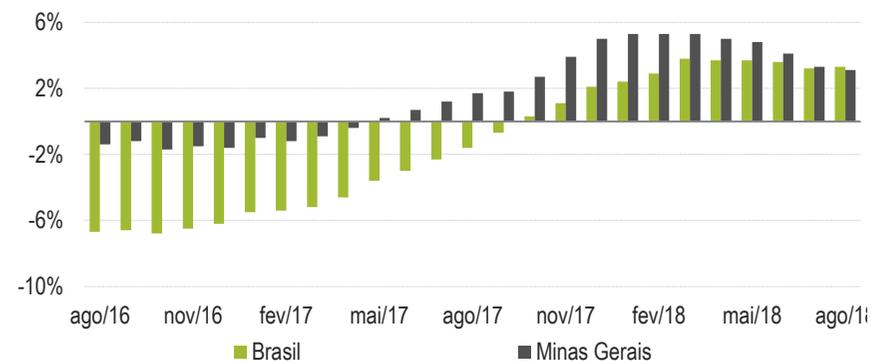
VOLUME DE VENDAS NO COMÉRCIO VAREJISTA

	BRASIL	MINAS GERAIS
RESTRITO ¹ (AGO-18/AGO-17)	4,1%	2,3%
AMPLIADO ² (AGO-18/AGO-17)	6,9%	5,4%
RESTRITO (ACUMULADO NO ANO)	2,6%	1,0%
AMPLIADO (ACUMULADO NO ANO)	5,6%	4,3%

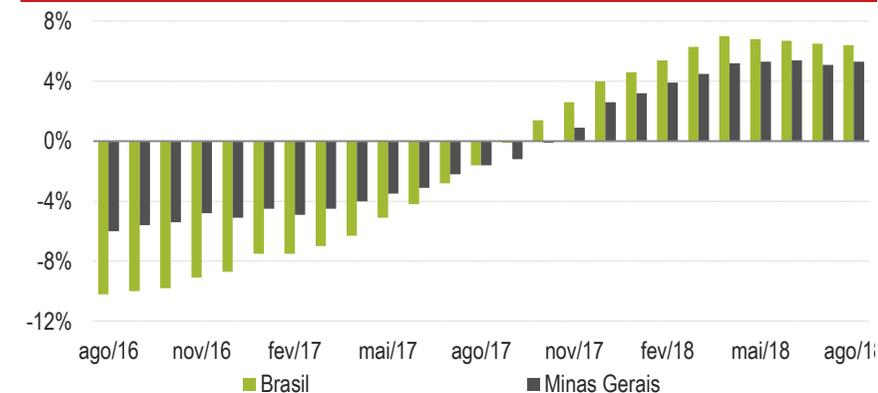
VAREJO RETOMA CRESCIMENTO, APÓS TRÊS MESES DE QUEDA

- O varejo restrito¹ cresceu 1,3% no Brasil em agosto, interrompendo a sequência de três quedas consecutivas, iniciada com a greve dos caminhoneiros. O varejo ampliado² também cresceu 4,2% em agosto, após queda de 0,3% em julho e alta de 2,7% em junho.
- O resultado de agosto foi bem acima da expectativa de mercado, de 0,2% no conceito restrito e de 2,4% no ampliado. Além disso, o crescimento foi disseminado. Nove das dez atividades pesquisadas no conceito ampliado apresentaram avanço no mês.
- Em Minas Gerais, o varejo restrito cresceu 5,5% em agosto, frente a julho, após três quedas consecutivas. Cabe pontuar que a contração após a greve de maio foi mais intensa no estado, devido à sua maior dependência do modal rodoviário. O varejo ampliado estadual cresceu 3,7% em agosto, após a queda de 3,0% em julho.
- A interrupção na contração pós-greve foi influenciada pelos seguintes fatores: vendas elevadas para o dia dos pais, crescimento na população ocupada no mês e liberação de recursos do PIS-PASEP (entre agosto e setembro). A expectativa é de que o varejo retome, até o final do ano, o ritmo de crescimento observado antes da greve dos caminhoneiros.

VENDAS NO VAREJO RESTRITO (Var. acumulada em 12 meses)



VENDAS NO VAREJO AMPLIADO (Var. acumulada em 12 meses)



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio (PMC/IBGE). | ¹As atividades pesquisadas no varejo restrito são: “combustíveis e lubrificantes”; “hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo”; “tecidos, vestuário e calçados”; “móveis e eletrodomésticos”; “artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos”; “livros, jornais, revistas e papelaria”; “equipamentos e material para escritório, informática e comunicação”; e “outros artigos de uso pessoal e doméstico”. | ²Varejo ampliado: inclui, além do varejo restrito, as atividades “veículos e motocicletas, partes e peças” e “material de construção”.

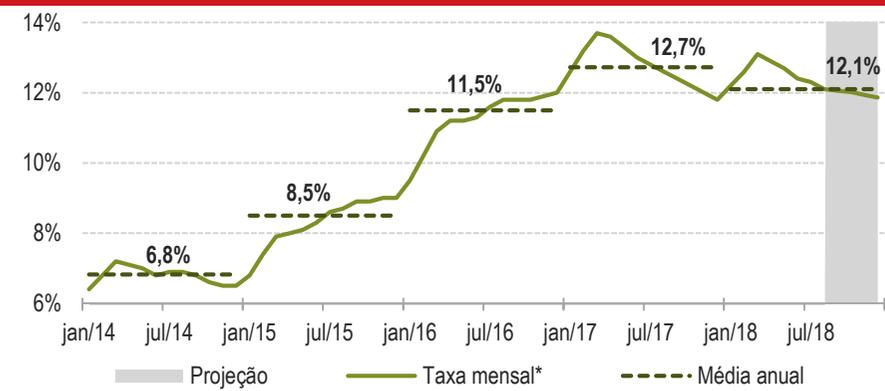


EMPREGO

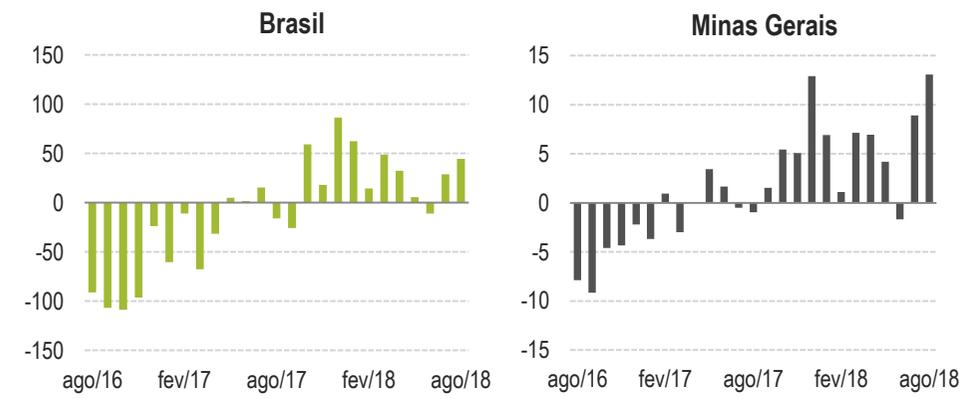
TAXA DE DESEMPREGO CAI PARA 12,1% EM AGOSTO

- A taxa de desemprego¹ brasileira recuou de 12,3% para 12,1% na passagem de julho para agosto, em linha com a expectativa de mercado (12,2%). Em relação a julho de 2017, a queda foi de 0,5 p.p. O resultado foi determinado pelo crescimento de 0,3% na geração de empregos, que superou o avanço de 0,2% na força de trabalho.
- De acordo com o CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, houve criação líquida (contratações menos demissões) de 110.431 empregos formais em agosto, o maior saldo para o mês desde 2013. Nesse caso, os números superaram a estimativa do mercado (geração líquida de 60.000 postos de trabalho). Em Minas Gerais, o saldo positivo do emprego significou a contratação líquida de 4.530 trabalhadores com carteira assinada no mês.
- Os resultados do mercado de trabalho, em agosto, são consistentes com a nossa avaliação de que a taxa de desemprego manterá sua tendência de recuo lento até dezembro. Para 2019, projetamos uma queda mais acentuada na taxa, em linha com a aceleração da atividade econômica no país.

TAXA DE DESEMPREGO¹ – BRASIL



SALDO DE EMPREGO (em milhares, com ajuste sazonal)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE, CAGED/MTPS.

¹ A PNAD Contínua mensal avalia trimestres móveis, por exemplo, o mês de julho corresponde ao trimestre maio-junho-julho. | ² Pessoas que desistiram de procurar emprego.



EMPREGO FORMAL NA INDÚSTRIA

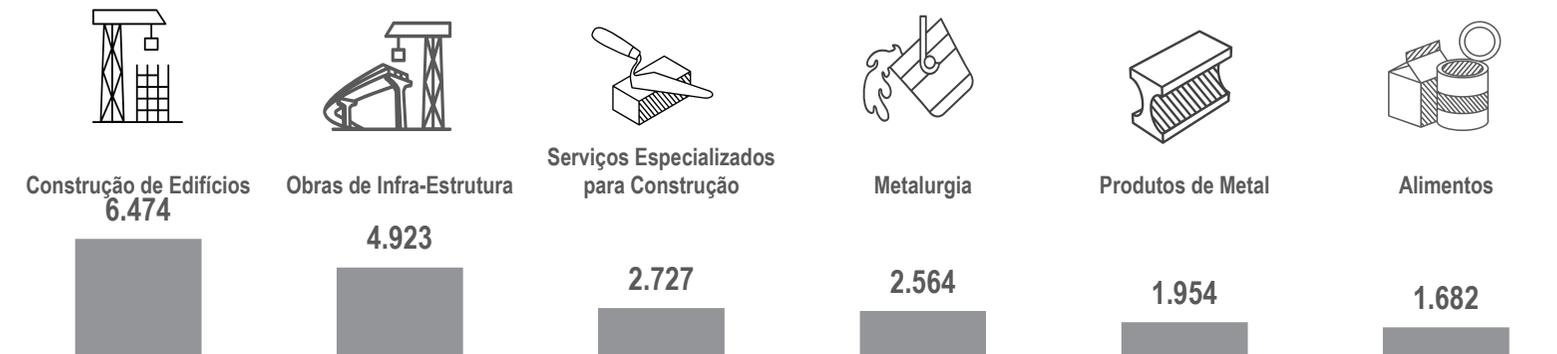
SALDO ACUMULADO EM 12 MESES* - DESTAQUES SETORIAIS POSITIVOS



ECONOMIA	356.852
INDÚSTRIA	727



ECONOMIA	70.031
INDÚSTRIA	20.885



Fonte: MTPS. | *Até Agosto/18, dados com ajuste.



CRÉDITO

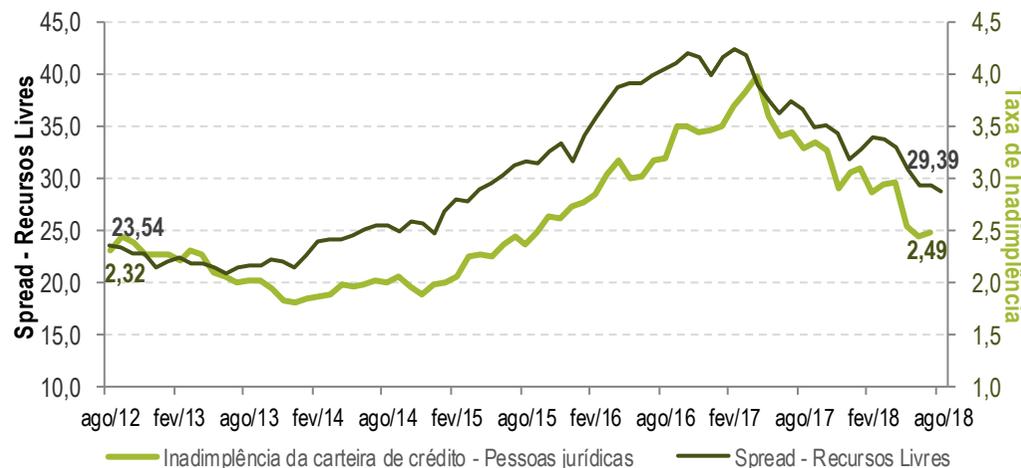
VOLUME DE CRÉDITO CRESCE 1,0% EM AGOSTO

- O volume de crédito cresceu 1,0% em agosto, com expansão de 1,1% da carteira de pessoas físicas (PF) e 0,9% da carteira de pessoas jurídicas (PJ).
- A razão crédito/PIB avançou para 46,7% em agosto, 0,2 ponto percentual (p.p.) acima do nível de julho, mas 0,5 p.p. abaixo do patamar de agosto de 2017. O crescimento em relação ao mês anterior se deve, em parte, ao aumento da participação das operações com recursos livres, que avançaram 0,1 p.p. nas modalidades de Pessoa Física (PF) e Pessoa Jurídica (PJ).
- A taxa média de juros se manteve estável na comparação com julho (24,5%), e apresentou redução de 3,8 p.p. em 12 meses. O *spread* médio de crédito, por sua vez, caiu 0,2 p.p. (para 13,8 p.p.), com recuo de 0,4 p.p. (para 24,1 p.p.) nas modalidades com recursos livres. O *spread* no crédito direcionado permaneceu no patamar de 3,5 p.p.
- A inadimplência nas operações de créditos ficou no mesmo nível do mês anterior (3,0%), mas abaixo daquela registrada em agosto de 2017 (3,7%), devido à queda, nesse período, da inadimplência nas operações com recursos livres (de 5,6% para 4,2%).

CRÉDITO (% do PIB)



Spread (Recursos Livres) e Inadimplência para Pessoas Jurídicas



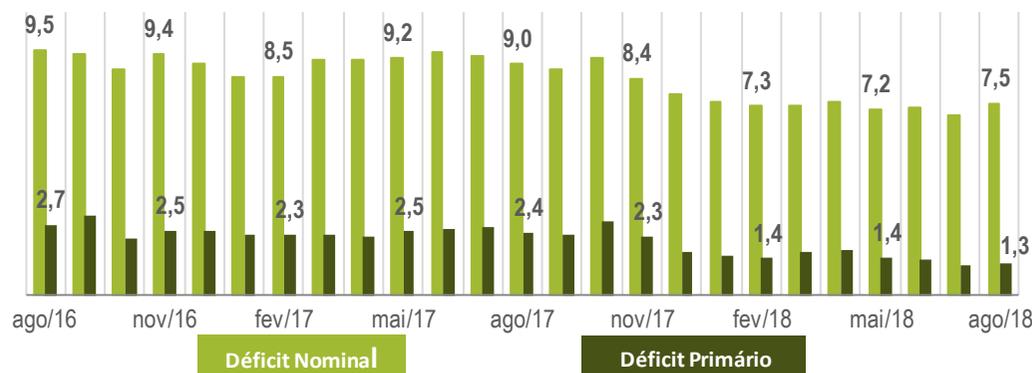


FINANÇAS PÚBLICAS

SETOR PÚBLICO APRESENTA DÉFICIT ABAIXO DO ESPERADO EM AGOSTO

- Em agosto, o setor público consolidado registrou déficit primário de R\$ 16,9 bilhões, abaixo das expectativas de mercado (R\$ 19,0 bilhões). O resultado foi determinado pelo déficit do Governo Central (R\$ 20,9 bilhões), ao passo que os governos regionais e as empresas estatais foram superavitários (em R\$ 3,4 bilhões e R\$ 592,0 milhões, respectivamente).
- No acumulado do ano, o déficit encontra-se em R\$ 34,7 bilhões, valor 43% menor que o registrado no mesmo período de 2017 (R\$ 60,9 bilhões). Em 12 meses, o déficit primário aumentou 0,1 ponto percentual (p.p.) em relação a julho, chegando a 1,2% do PIB. Esses números corroboram a visão de que o déficit primário ficará abaixo da meta (R\$ 161,3 bilhões) em 2018.
- O resultado nominal do setor público consolidado, que inclui o saldo primário e o pagamento de juros, foi um déficit de R\$ 76,9 bilhões em agosto. Em 12 meses, o déficit nominal chegou a R\$ 503,0 bilhões, o equivalente a 7,45% do PIB (0,42 p.p. acima do percentual atingido em julho).

NECESSIDADES DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (% PIB)



DÍVIDA BRUTA DO GOVERNO GERAL (% PIB)





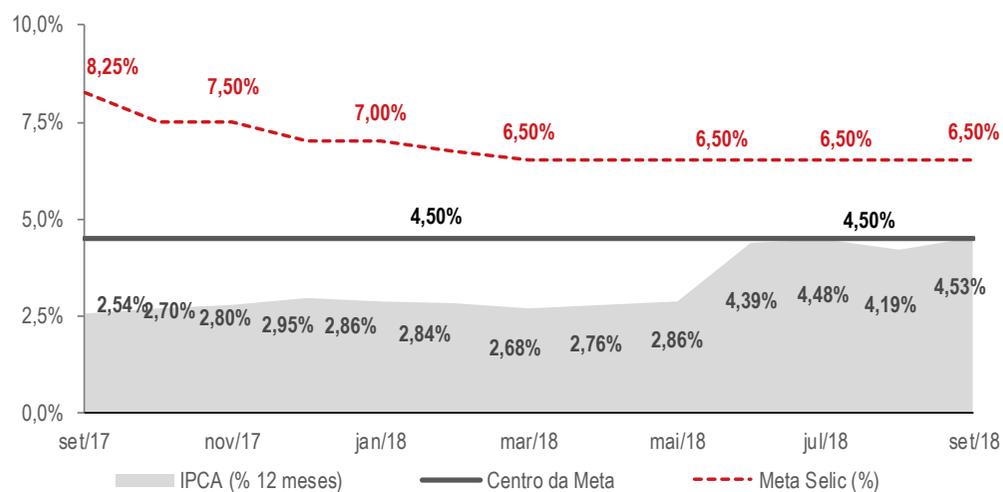
INFLAÇÃO E JUROS

INFLAÇÃO VOLTA A SUBIR EM SETEMBRO

- O IPCA exibiu variação de 0,48% em setembro, após recuo de 0,09% no mês anterior. Essa foi a maior taxa para um mês de setembro desde 2015, quando o IPCA registrou 0,54%. Contribuiu decisivamente para o resultado, a reversão na variação de preços dos grupos Alimentação e bebidas (de -0,34% para 0,10%) e Transporte (de -1,22% para 1,69%). Com isso, a inflação acumulada em 12 meses subiu para 4,53% (contra 4,19% em agosto).
- A aceleração inflacionária coincidiu com o alerta feito pelo Banco Central, por meio da ata da reunião do Comitê de Política Monetária – COPOM, de que o risco de inflação acima da meta supera o risco de inflação abaixo da meta no horizonte relevante para as decisões de política monetária. Na prática isso significa que o período de taxa Selic a 6,50% a.a. pode estar se aproximando do fim, a despeito da ociosidade ainda existente no mercado de trabalho. Não podemos descartar uma elevação do juro básico no final de 2018 ou no começo de 2019, caso os riscos altistas para a inflação se materializem e/ou caso haja frustração na continuidade do processo de aprovações de reformas estruturais na economia brasileira. A próxima decisão do COPOM sobre a taxa Selic ocorrerá no dia 31 de outubro. Apesar do alerta na ata da reunião anterior, a expectativa do mercado ainda é de manutenção do juro básico em 6,50% a.a. até o final de 2018.

GRUPOS DO IPCA (Var. % em 12 meses)	AGO/18	SET/18
Habitação	7,28%	7,80%
Transporte	5,98%	6,93%
Saúde e Cuidados Pessoais	5,44%	5,39%
Educação	5,06%	5,27%
Despesas Pessoais	3,44%	3,25%
Alimentação e Bebidas	2,15%	2,68%
Vestuário	1,52%	1,22%
Artigos de Residência	1,10%	1,07%
Comunicação	0,97%	0,41%

INFLAÇÃO E TAXA DE JUROS (Selic) - %





CÂMBIO

QUADRO ELEITORAL MAIS CLARO JUSTIFICA VALORIZAÇÃO DO REAL EM OUTUBRO

- Após atingir a menor cotação frente ao dólar, em setembro, a moeda brasileira segue valorizando-se, em outubro, em linha com a redução na incerteza referente ao quadro eleitoral no Brasil.
- Em setembro, durante o período pré-eleitoral, a moeda norte-americana chegou a ser comercializada à taxa de R\$4,207/US\$. Na média do mês, o real desvalorizou-se 4,5% frente ao real. Em outubro, por outro lado, a moeda brasileira valorizou-se mais de 9,0% (até o dia 18).
- De acordo com a Pesquisa Focus, do Banco Central, a valorização da moeda brasileira deve ser revertida até o final do ano. A expectativa do mercado é uma taxa de câmbio de R\$3,81/US\$ em 31 de dezembro. Essa valorização do dólar vem em linha com a sinalização, dada pelo FED, de continuidade gradual do processo de elevação dos juros nos Estados Unidos, o que prejudica moedas de países emergentes, como o real.

CÂMBIO (R\$/US\$) E RISCO PAÍS (CDS Brasil em pontos) - Diário



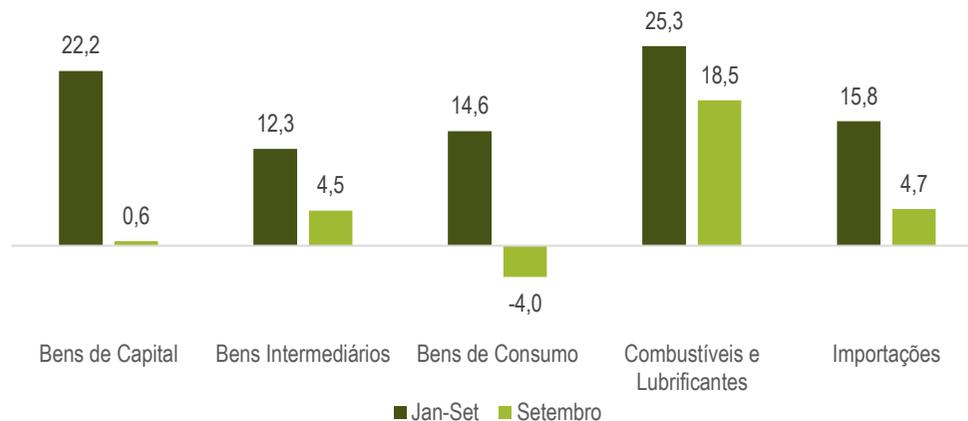


BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA

BALANÇA COMERCIAL (US\$ bilhões)



VARIÇÃO ANUAL IMPORTAÇÕES POR CATEGORIA (%)



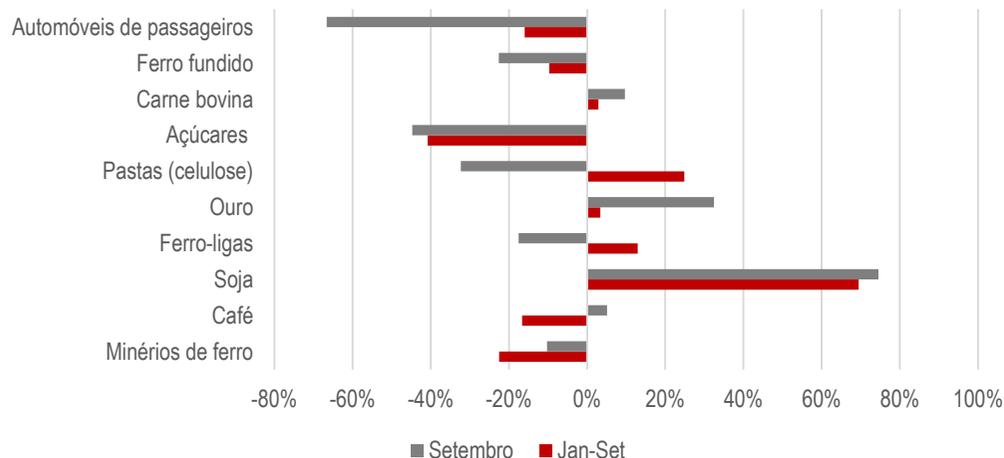
MAIORES COMPRAS CHINESAS CONTRIBUEM PARA O SUPERÁVIT COMERCIAL BRASILEIRO EM SETEMBRO

- Em setembro, o superávit comercial brasileiro alcançou US\$ 4,97 bilhões, o que representa um recuo de 1,2% em relação ao resultado de setembro de 2017, na média por dia útil. Dessa forma, o superávit acumulado no ano é de US\$ 42,6 bilhões, 19,9% abaixo do registrado no mesmo período de 2017.
- O saldo comercial positivo de setembro foi, em grande medida, resultado do avanço das vendas de *commodities*, que cresceram tanto em volume (2,7%) quanto em preços (7,9%). Entre esses produtos, destacamos petróleo e derivados (variação acima de 30,0%, tanto em volume quanto em preços) e minério de ferro e produtos agrícolas, em menor magnitude (10,0%).
- A contração econômica na Argentina explica a queda das vendas brasileiras para aquele país em setembro (-31,8% na comparação anual). Os menores envios de automóveis, máquinas, tratores e laminados para a Argentina foram os principais responsáveis do recuo das exportações de produtos manufaturados brasileiros no mês (4,2% na comparação anual).
- Destacamos, adicionalmente, a desaceleração nas importações de bens de capital (0,58% na variação anual) e de bens intermediários (4,48%). Se, por um lado, a recuperação econômica dinamizou as compras nos primeiros oito meses do ano, por outro lado, a desvalorização cambial e as incertezas para o cenário econômico de 2019 explicaram o desempenho ruim em setembro.

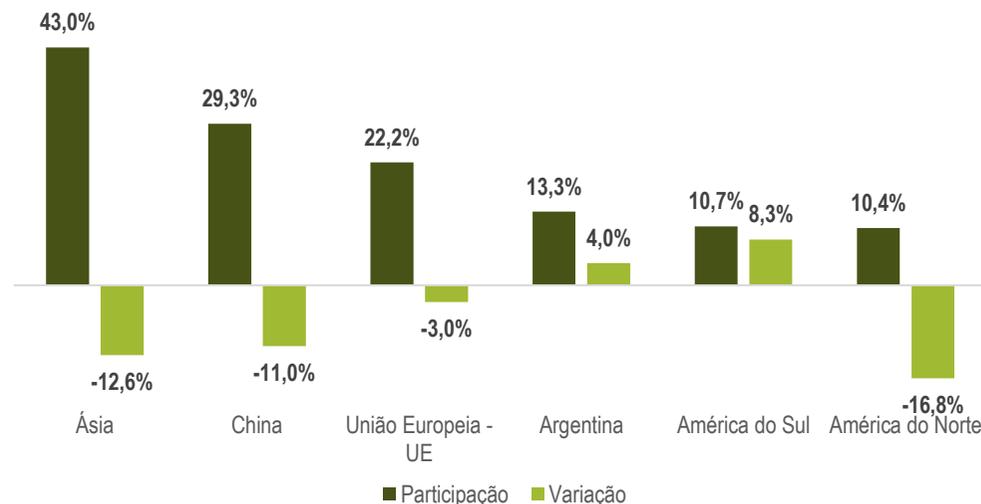


EXPORTAÇÕES DE MINAS GERAIS

PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS POR MINAS GERAIS (Var.%)



DESTINOS E VARIAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES MINEIRAS (POR DESTINO Jan-Set - %)



CRISE NA ARGENTINA E MENOR DEMANDA CHINESA TAMBÉM PREJUDICAM AS EXPORTAÇÕES MINEIRAS

- Em setembro, as exportações mineiras caíram 6,9% em relação a setembro do ano passado, na média por dia útil, o que levou a queda no ano para 8,3%,.
- As vendas de minério de ferro recuaram 5,5% no mês, na média por dia útil, frente a setembro de 2017. Isso foi o resultado dos menores volumes exportados (9,0%), confirmando a tendência observada no acumulado do ano até setembro (20,6%). Por outro lado, as exportações do minério do Pará continuaram ganhando importância na pauta exportadora brasileira. A preferência chinesa por minério de maior qualidade deve manter essas variações nos próximos meses.

- Um terço das vendas mineiras para o exterior tem como destino final a China. A desaceleração na atividade econômica e as incertezas nos setores consumidores de minério de ferro no país podem comprometer as vendas mineiras também em 2019.
- As vendas de automóveis para a Argentina, destino de quase 80,0% das vendas do produto mineiro, caíram 80,2% frente a setembro de 2017. A perspectiva de contração de 2,6% do PIB argentino, em 2018, seguida de nova queda de 1,6%, em 2019, deve limitar as exportações de veículos para o país vizinho nos próximos meses.

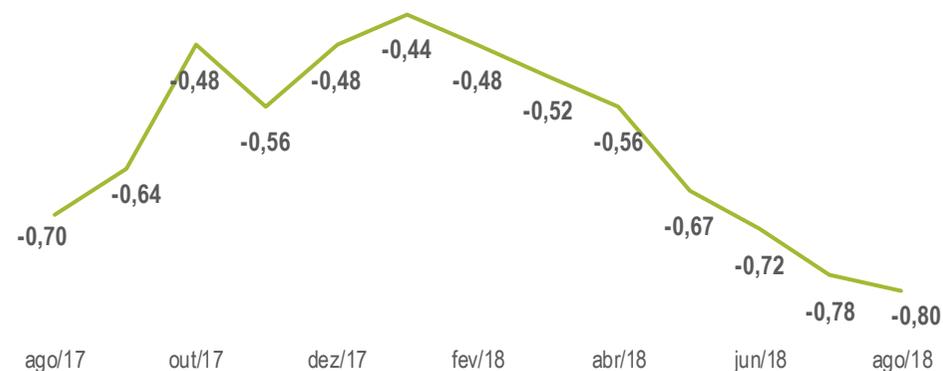


TRANSAÇÕES CORRENTES E INVESTIMENTO DIRETO

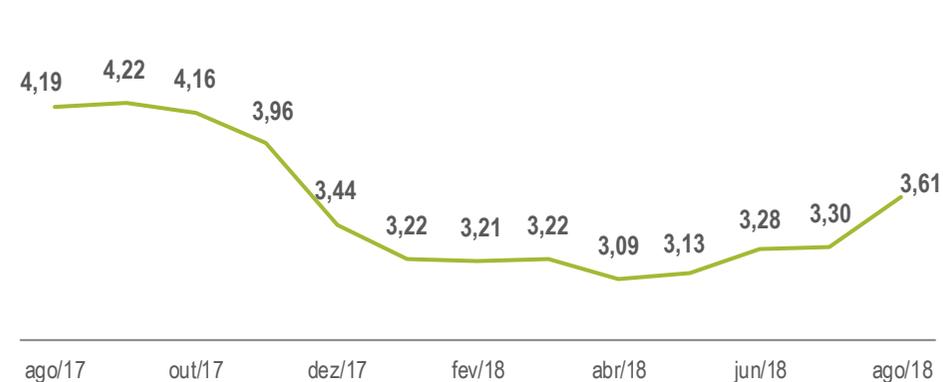
INVESTIMENTO DIRETO NO PAÍS APRESENTA MAIOR FLUXO DESDE JANEIRO DE 2017

- O Balanço de pagamentos brasileiro registrou déficit em transações correntes de US\$ 717 milhões em agosto, resultado inferior ao esperado pelo mercado (US\$ 1,3 bilhão). Em 12 meses, o déficit acumulado é de US\$ 15,5 bilhões, o equivalente a 0,8% do PIB.
- A expansão do déficit na conta corrente do Balanço de Pagamentos, observada desde o início de 2018, deve-se à forte expansão das importações, o que ocorre normalmente em períodos de retomada da atividade econômica. Em agosto, por exemplo, as importações foram 35,3% superiores àquelas realizadas no mesmo mês do ano passado. A expansão das exportações ficou abaixo dessa variação, com crescimento de 15,8%.
- Na conta financeira, vale destacar o fluxo de investimento direto no país (IDP), com entrada de US\$ 10,6 bilhões em agosto. Esse foi o maior fluxo mensal desde janeiro de 2017. Com ele, o IDP acumula saldo de US\$ 70 bilhões em 12 meses (3,6% do PIB), o que financia com sobras o déficit em transações correntes.

TRANSAÇÕES CORRENTES (% PIB)



INVESTIMENTO DIRETO (% PIB)





PROJEÇÕES

BRASIL	2018	2019
PIB (%)	1,34	2,50
Produção Industrial (%)	2,67	3,00
Comércio varejista - volume (%)*	1,72	1,14
Comércio varejista - faturamento (%)*	4,46	5,06
Massa real de rendimentos total (%)*	2,96	3,22
IPCA (%)	4,43	4,21
IGP-M (%)	9,92	4,50
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	3,81	3,80
Meta Taxa Selic - fim de período (%a.a.)	6,50	8,00
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	54,20	57,80
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-18,00	-31,70
Balança Comercial (US\$ bilhões)	55,00	45,50
Investimento Direto no País (US\$ bilhões)	68,00	75,65

MINAS GERAIS	2018
PIB (%)	1,20
Produção Industrial (%)	-1,50
Prod. Física Ind. Transformação (%)	0,90
Prod. Física Ind. Extrativa (%)	-8,40
Massa Salarial Real (%)	0,40
Faturamento Real (%)	2,00





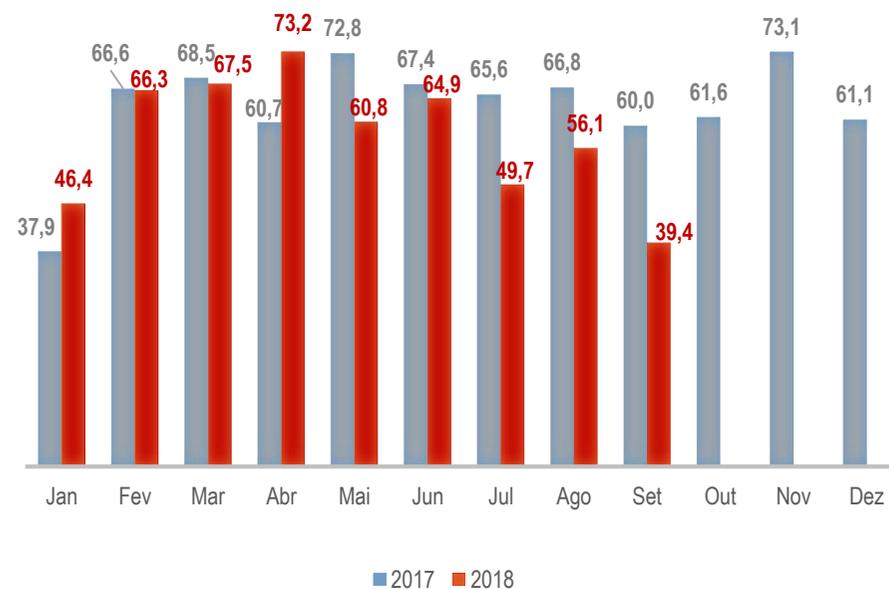
SETOR AUTOMOTIVO

	BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA AGO/18 ¹	15,0%	-7,3%
EXPORTAÇÕES* QUANTIDADE	-5,8%	-13,2%
SET/18 ¹ VALOR (US\$)	-21,0%	-38,8%

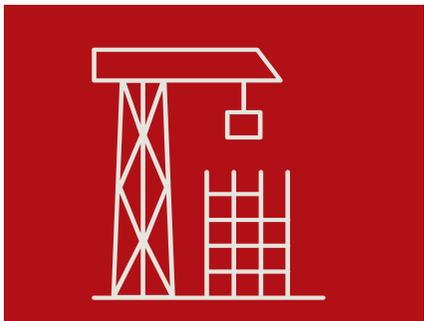
EXPORTAÇÕES PARA A ARGENTINA RECUAM FORTEMENTE

- Em setembro, as exportações** do setor automotivo brasileiro caíram 34,3% na comparação interanual e 29,7% frente a agosto, em razão do recuo das vendas para a Argentina. Os embarques para o país, que chegaram a representar 75% do total exportado pelo setor, corresponderam a 50% em setembro.
- Segundo a Anfavea², o mercado externo contribuiu para a queda de 23,5% da produção automotiva brasileira em setembro, frente a agosto. A redução dos embarques para a Argentina marca uma nova fase para o setor, que em 2017 registrou recorde de exportações (766 mil unidades). Em 2018, entretanto, a expectativa da entidade aponta para uma queda de 8,6% nas exportações, totalizando 700 mil unidades.
- No mercado interno, entretanto, as vendas de setembro (213,3 mil unidades) superaram em 7,1% as de igual mês de 2017 (199,2 mil unidades). No acumulado do ano, totalizam 1,8 milhão de unidades, aumento de quase 14% frente ao mesmo período de 2017 (1,6 milhão). O desempenho satisfatório do mercado brasileiro motivou o reajuste da projeção da Anfavea para as vendas internas em 2018, de 11,7% para 13,7%, totalizando 2,5 milhões de veículos vendidos no país.

EXPORTAÇÕES 2017 X 2018 (em mil unidades)



¹Comparativamente ao mesmo mês de 2017. ² Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores. *As exportações referem-se à fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias. **As exportações de veículos divulgadas pela Anfavea englobam automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus (em unidades).
Fonte: Valor Econômico, Estadão, Automotive Business, Folha de São Paulo, IBGE e Anfavea.



CONSTRUÇÃO CIVIL

	BRASIL	MINAS GERAIS
ÍNDICE DE CONFIANÇA DA CONSTRUÇÃO - SET/18 ¹	50,8	46,4
INSUMOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL (ICC) - AGO/18 ²	0,0%	
CUSTO DA CONSTRUÇÃO/M ² (INCC-SINAPI) - SET/18 ²	VARIÇÃO 4,3%	3,4%
	VALOR ³ R\$ 1.103,98	R\$ 1.033,89

RETOMADA DA CONSTRUÇÃO SEGUE EM RITMO LENTO

- Sem sinal evidente de recuperação após a crise iniciada em 2014, a indústria da construção pode registrar queda da atividade pelo quinto ano seguido: estima-se que o PIB do setor deverá recuar 1,2%* em 2018.
- A produção de insumos da construção civil permanece em nível deprimido, a despeito da melhora dos fundamentos econômicos, como a manutenção da taxa Selic em patamar baixo. O indicador registrou pequena retração mensal em agosto (-0,2%***) e estabilidade na comparação anual, acumulando, em 2018, aumento de 1,0%.
- O mercado de trabalho da construção, incluindo empregos formais e informais, continua com desempenho aquém do observado na economia como um todo. De acordo com dados da Pnad-Contínua (IBGE), o setor registrou queda de 4,1% da massa de renda em agosto, na comparação anual, com decréscimos de 2,8% na ocupação e de 1,2% no rendimento médio real.
- Os índices de confiança da construção de setembro (CNI/FIEMG) foram inferiores aos apurados no final de 2017 e início de 2018, reflexo da piora na percepção dos empresários sobre a evolução atual e prospectiva dos negócios. A confiança dos agentes tem sofrido os impactos negativos da fraqueza da atividade e das incertezas associadas ao quadro eleitoral.
- Por outro lado, alguns segmentos no setor da construção já apresentam expressiva melhora. As vendas de materiais de construção no varejo, especialmente voltadas para reformas, reverteram a trajetória de queda observada em 2015 e 2016 e cresceram 9,2% no ano passado. Para 2018 e 2019, as projeções são de aumento de 4,8% e 4,4%, respectivamente.
- As vendas de imóveis novos**** também apresentaram reação após três anos de queda, com aumento de 19,9% no ano passado. As estimativas para 2018 e 2019 são de elevações de 13,6% e 16,7%, respectivamente, reflexo dos condicionantes mais favoráveis para a demanda, como crescimento da massa de renda total e melhora nas condições de financiamento habitacional.



INDÚSTRIA EXTRATIVA

		BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA AGO/18 ¹		1,5%	4,5%
EXPORTAÇÕES	VOLUME (Kg)	10,9%	-13,6%
SET/18 ¹	VALOR (US\$)	45,7%	-10,2%

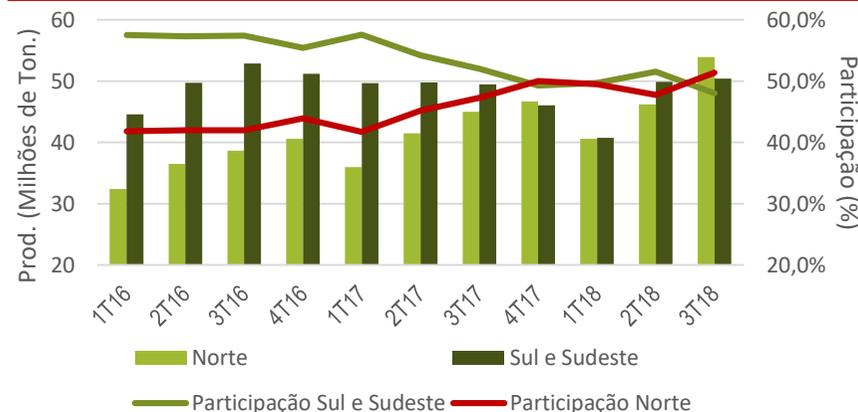
VALE ESTABELECE RECORDE DE PRODUÇÃO E VENDAS

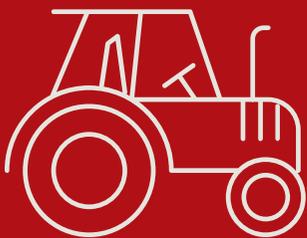
- No terceiro trimestre de 2018, a produção de minério de ferro da Vale cresceu 10,3% em relação ao terceiro trimestre de 2017. Com isso, a empresa estabeleceu o seu recorde de produção (superior a 100 mil toneladas no período).
- A extração mineral no Pará (com aumento de 19,8%, na comparação anual) foi responsável, pela primeira vez, por mais da metade da produção da empresa (51,4%). Em comparação, a produção do sistema Sul/Sudeste teve uma alta de 1,9% no período, graças à retomada da planta de Timbopeba e ao melhor desempenho das plantas de Itabira e de Brucutu.
- Esse resultado está alinhado com a estratégia da Vale de maximização de margens via a continuidade da expansão do Sistema Norte, que fornece minério de melhor qualidade. Isso permitiu que a empresa também quebrasse o recorde do volume de vendas de minério de ferro, 5,0% maior no trimestre, na comparação anual. A maior participação dos produtos *premium* influenciou a elevação do preço médio do minério vendido (US\$ 8,6 /tonelada).
- Os preços internacionais do minério aumentaram 2,7% em setembro, refletindo os anúncios de corte da produção da indústria chinesa para limitar a poluição. No entanto, a desaceleração da atividade econômica na China e a guerra comercial com os EUA, podem prejudicar os preços do minério no médio prazo.

PREÇO DO MINÉRIO DE FERRO E PREMIO POR QUALIDADE



PRODUÇÃO DE MINÉRIO DE FERRO DA VALE





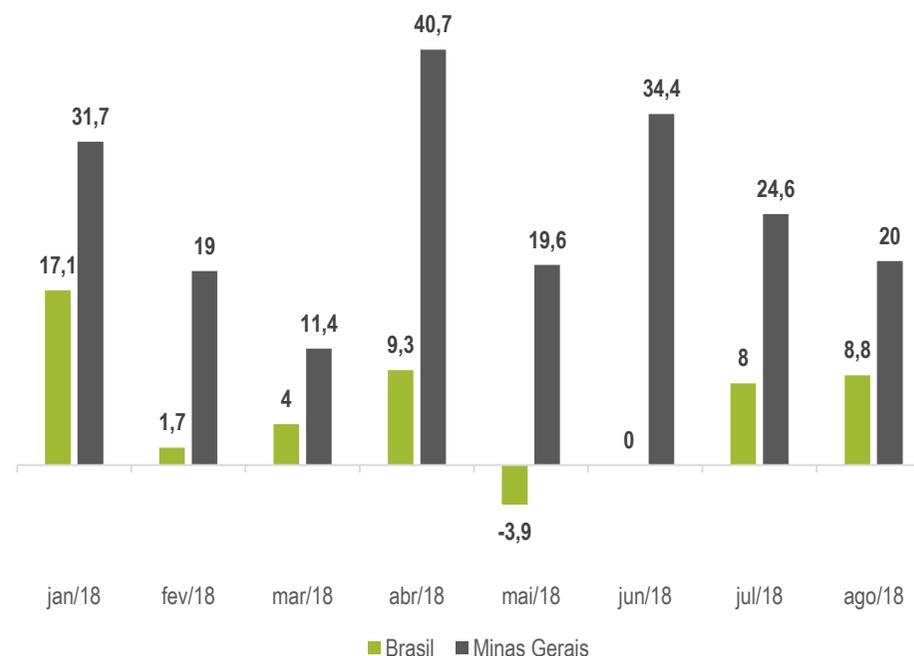
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS*

	BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA AGO/18 ¹	8,8%	20,0%
EXPORTAÇÕES QUANTIDADE	-1,7%	0,2%
SET/18 ¹ VALOR (US\$)	-12,6%	0,5%

EXPORTAÇÕES MINEIRAS PERDEM ÍMPETO DIANTE DO CENÁRIO EXTERNO MAIS ADVERSO

- Em qualquer base de comparação, o desempenho da produção do setor de Máquinas e equipamentos de Minas Gerais tem sido consideravelmente superior ao do Brasil. Em agosto, a expansão foi de 0,5% no país e de 2,0%* no estado, em relação ao mês anterior. Na comparação interanual (agosto/17), o avanço foi de 20,0% e 8,8%, respectivamente. No acumulado em 12 meses, até agosto, a expansão foi de 23,3% em Minas Gerais e de 4,8% no Brasil.
- O crescimento da produção brasileira segue influenciado pela fabricação de máquinas para os segmentos de 'indústria e comércio' e de 'extração e construção'. Essa última atividade também tem puxado a produção mineira, juntamente com a fabricação de equipamentos de transportes.
- A perda de ímpeto das exportações de máquinas e equipamentos de Minas Gerais sugere que os efeitos negativos de um cenário externo mais adverso, com destaque para a crise argentina, começam a ser sentidos pelo setor. As exportações cresceram apenas 0,5% em setembro, em comparação com o mesmo mês de 2017, após o avanço de 15,2%, 5,9% e 41,2% nos três meses anteriores.

VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO FÍSICA DO SETOR DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS (% - contra mesmo mês do ano anterior)



Fonte: IBGE, CNI, FIEMG, MDIC e Tendências Consultoria. | ¹Varição percentual em relação ao mesmo mês do ano anterior. | ² Ajuste sazonal realizado pela Gerência de Estudos Econômicos da FIEMG. | ³ Saldo do Caged/ MTE. | *Máquinas e Equipamentos representam, aproximadamente, 54% do setor de Bens de Capital.



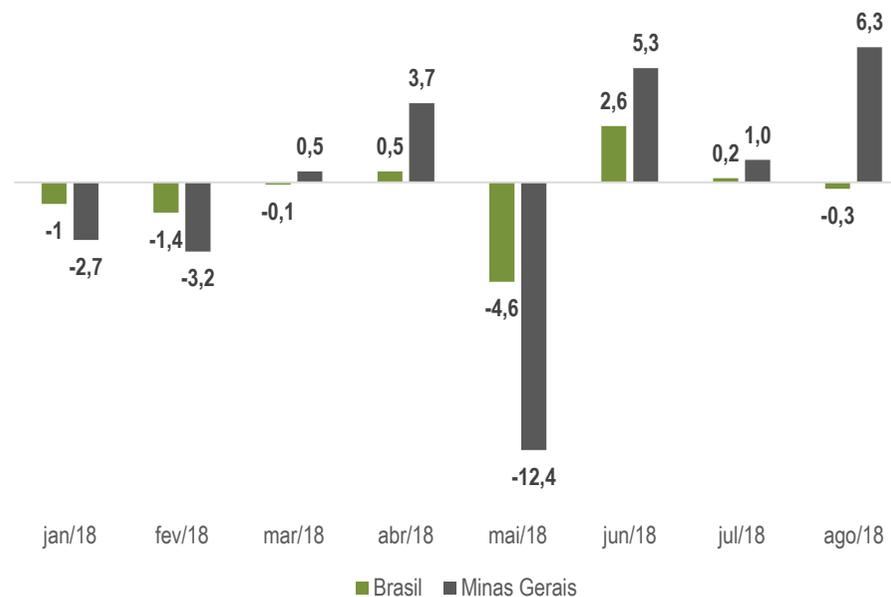
METALURGIA

	BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA AGO/18 ¹	1,3%	8,3%
EXPORTAÇÕES VOLUME (Kg) SET/18 ¹	-19,4%	-11,4%
VALOR (US\$)	13,3%	-34,0%

SIDERURGIA BRASILEIRA DEVE DESACELERAR CRESCIMENTO EM 2019

VARIÇÃO (%) DA PRODUÇÃO FÍSICA DO SETOR DE METALURGIA *(contra mês imediatamente anterior)

- Em agosto, a produção física do setor de metalurgia brasileiro recuou 0,3% frente a julho. Por outro lado, em Minas Gerais houve expansão de 6,3%. No acumulado até agosto, a produção física nacional acumula aumento de 5,1% e a estadual de 3,7%.
- Na comparação interanual as expansões foram de 1,3% e de 8,3% no Brasil e em Minas Gerais, respectivamente. Parte do resultado mais fraco da metalurgia brasileira na comparação com a mineira é explicado pela queda de 10,9% do segmento de Metalurgia dos metais não-ferrosos, devido à diminuição da produção de alumínio no norte do país.
- Na siderurgia, de acordo com o Instituto Aço Brasil (IABr), a produção nacional recuou 3,7% na comparação com agosto de 2017 e 6,3% na comparação com julho.
- A redução da projeção das vendas de automóveis² e as restrições nas exportações para os Estados Unidos e para a União Europeia indicam que o crescimento do setor siderúrgico deve desacelerar nos próximos meses de 2018 e em 2019. A Tendências Consultoria revisou suas estimativas para o próximo ano de 2,7% para 1,8%, frente a 2018³.



Fonte: Pesquisa Mensal da Indústria (IBGE), Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços, Instituto Aço Brasil (IABr) e Tendências Consultoria | ¹Comparativamente ao mesmo mês do ano anterior. ²Anfavea. ³ Projeção Tendências. *Ajuste sazonal realizado pela Gerência de Estudos Econômicos da FIEMG..

MONITOR ECONÔMICO

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO:

Sistema FIEMG – Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais

PRESIDENTE:

Flávio Roscoe Nogueira

RESPONSABILIDADE TÉCNICA:

Gerência de Estudos Econômicos

Esta publicação é elaborada com base em análises internas, desenvolvidas através de dados públicos.

Não nos responsabilizamos pelos resultados das decisões tomadas com base no seu conteúdo.

